

O QUE A MÍDIA APRESENTA SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER? NARRATIVAS LIMITANTES E AUSÊNCIA MÍDIÁTICA DO EMPODERAMENTO

Marcleivson Silva do Nascimento
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (Brasil)
Endereço Eletrônico: marcleivson.nascimento@gmail.com

Marcus Vinicius de Jesus Bomfim
Universidade Federal Fluminense – UFF
Endereço Eletrônico: marcusbomfim@id.uff.br

2293

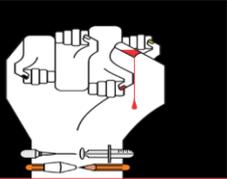
INTRODUÇÃO

O interesse pela temática surge da inquietação diante do reforço de estereótipos veiculados nos grandes meios de comunicação de massa, conjugados às mídias sociais, que criam narrativas limitantes para e sobre a condição das mulheres, vítimas de violência doméstica e familiar. Há um paradoxo acerca do papel conscientizador da mídia, para além da espetacularização da violência de gênero e as narrativas de morte.

Nosso estudo, em andamento, também quer chamar a atenção para a importância desta relação, a partir das ações do Projeto Empoderadas, uma parceria intersetorial entre a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o projeto social Empoderadas, criado e liderado pela atleta de jiu-jitsu Erica Paes e o Governo do Estado do Rio de Janeiro, pelo meio da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos (SEDSODH).

Este Projeto utiliza-se de metodologia criada pela atleta Erica Paes atraindo mulheres para aprendizagem de técnicas esportivas e, na ocasião desses encontros, se abrem possibilidades de esclarecimentos sobre o conjunto de políticas públicas para o enfrentamento da violência contra as mulheres, redes de apoio e oferecimento de cursos e capacitações, em caráter de comunicação comunitária e popular. O projeto se distribui em 30 polos no território fluminense em reuniões semanais.

Nossa participação, enquanto integrantes da equipe de comunicação da UERJ no Projeto é o desenvolvimento de estratégias educacionais de suporte e, de pesquisa sobre fluxos comunicacionais a respeito da temática e ações do Projeto. Há a necessidade de oferecer à sociedade um contraponto às representações na mídia sobre a violência contra a mulher, que tem valorizado a repercussão reiterada de casos de



violência de gênero, sem uma oferta de conteúdos que critiquem o cenário de feminicídio corriqueiramente veiculadas na mídia.

METODOLOGIA

Identificamos como problema de fundo da pesquisa, a necessidade de produzir contra narrativas, não só de sobrevivência, mas de superação do contexto de violências e de empoderamento das mulheres, como contraponto às narrativas hegemônicas autocentradas na violência.

Desta forma, ofertando outros produtos comunicacionais, gêneros textuais para o consumo dessas informações, almejamos impactar a sociedade – e não somente às mulheres - demonstrando a existência de movimentos e políticas públicas que estão construindo resistência à perspectiva de morte, seja por meio de ferramentas como o esporte, o empreendedorismo, assistência jurídica ou psicológica.

A proposta é construir dialogicamente e com o protagonismo das mulheres que participam ou não do programa, de que há espaços institucionais e midiáticos buscam ampliar o enfrentamento da violência contra a mulher, quebrando paradigmas e desconstruindo estereótipos reforçados pela mídia tradicional, a partir da comunicação institucional do Projeto Empoderadas e da comunicação comunitária e popular nos territórios fluminenses.

A produção de conteúdos baseados na lógica de empoderamento, defendida por Berth (2018), visa essencialmente quebrar as barreiras estruturais aos processos de disseminação e à prática do empoderamento de fato, onde as mulheres, enquanto sujeitos e indivíduos, poderão de fato empoderar-se no (e com o) reforço do coletivo – como a estratégica central do projeto se estabelece. Para tanto, duas chaves são essenciais: o acesso ao conhecimento e o enfrentamento do silenciamento, que interpretamos nas mídias um elemento de reforço dessa cultura, que narra apenas a violência contra a mulher.

Nossa intervenção também buscará por meio de oficinas dar subsídios comunicacionais que, aliados às estratégias do próprio projeto em campo, nas práticas de empreendedorismo; geração de emprego e renda e, também, dar às protagonistas conhecimento para criarem ações de comunicação para disseminação nas redes sociais dos polos – que já são descentralizadas – sobre os processos de aprendizagem dos polos, multiplicando informações e colocando de forma segura as suas estórias, para além das violências. Assim, pretendemos promover reflexões sobre o papel da mídia na revelação

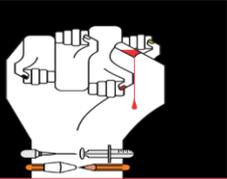
2294

Realização:



Apoio:





do fenômeno da violência contra as mulheres, e contribuir para elevação do grau de autonomia e reflexividade que Freire (20215) propõe na sua pedagogia da autonomia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

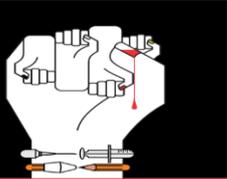
Produzimos um levantamento inicial com os cerca de 28 perfis ativos e identificados com o Projeto Empoderadas na rede social Instagram. Por meio da análise de redes sociais (David; Ramos; Silva; Vieira, 2021), com abordagem qualitativa das postagens até 30 de abril de 2022, foi possível observar o fluxo de comunicação, grau de conectividade e recursos em circulação (Freeman, 1996; Marteleto, 2001).

Os perfis do Projeto Empoderadas e seus polos não tem um planejamento, e a maior parte das postagens não é atualizada semanalmente e estão centradas na divulgação da agenda de encontros, inauguração de novos polos e prestação de serviço, com atenção a divulgação de equipamentos públicos de atendimento às mulheres. Vemos, portanto, espaço para promover conteúdos para reflexão dos sujeitos sociais acerca dessa problemática, contribuindo para a mudança de comportamentos e atitudes (Araújo, Cerqueira, Fernandes, 2017).

A próxima etapa de pesquisa da comunicação será a análise das notícias da grande mídia sobre a violência contra a mulher, a partir do segundo semestre de 2021. Esta análise contribuirá para atestarmos se a mídia tradicional reforça estereótipos que direcionam a culpa a vítima da violência, corroborando com a manutenção de uma estrutura patriarcal pautada na hegemonia masculina. Com isso, a mídia se torna um dos instrumentos de manutenção dessa estrutura social hegemônica através do discurso.

Para Odália (2004), a mídia interfere no processo de educação dos indivíduos. Todavia, tal processo é, muitas vezes, limitado ao senso comum. Valores são impostos e a manipulação ocorre sem perceber, o que impossibilita a construção de um senso crítico. A luz de Silva (2019), percebemos que este trabalho nos remete à busca pela multiplicidade de saberes, a contextualização e o estímulo da crítica do papel da mídia que dialogue com a realidade da mulher, assumindo o compromisso contribuir para a redução, quiçá a erradicação da violência de gênero.

Sobre a midiaticização, seguindo Hjarvard (2012), entendemos que ela é um processo de construção comunicativa da realidade social e cultural. Reconhecemos sua complexidade como instituição e tecnologia, onde os processos de interação da sociedade na contemporaneidade estão mediados por aparatos de base tecnológica. Entretenimento, consumo, política, narrativas enquanto campos sociológicos de



interações são plataformas midiáticas para, no caso que estudamos aqui, a violência contra a mulher seja um produto de consumo das mídias para as suas audiências.

Silva (2019) constatou que as mídias online utilizam o discurso como instrumento de poder estruturante da sociedade patriarcal. Neste sentido, articula-se variadas estratégias que agem no sentido de culpabilizar a vítima pela violência sofrida, prática típica da sociedade patriarcal, que privilegia o homem.

CONCLUSÕES PARCIAIS

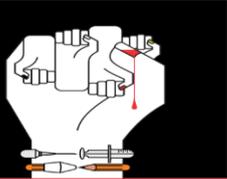
Com base nas discussões iniciadas nessa pesquisa e projeto de intervenção em andamento, percebemos que no contexto de produção de informações nos diferentes meios de comunicação, o conteúdo digital a ser produzido e disseminado nas redes sociais do Programa Empoderadas poderá constituir-se inovador, na medida em que poderá auxiliar às mulheres – as protagonistas de todo o processo - produzir conhecimentos e oferecer contra narrativas ao silenciamento imposto pelas mídias e pelas mídiatizações nas redes que reiteradamente limitam a conscientização e reforçam a condição de violência contra a mulher sem, por exemplo, questionar criticamente as condições estruturais do ciclo de violências, o machismo e as masculinidades.

Às mídias, cabe um papel mobilizatório e civilizatório importante na questão da violência contra as mulheres. Já não cabe mais a simples divulgação e informação de casos de violência, a exposição das vítimas, a divulgação dos dados desta epidemia ou informação dos serviços públicos, legislações. Precisamos contar com a produção de outros sentidos sobre esta pauta, para que a sociedade possa entender criticamente a questão da violência.

Nesta busca por compreensão insere-se também a autorreflexividade dos pesquisadores envolvidos (autor e co-autor), no intuito de aprenderem a ouvir as mulheres; observarem-se e evitar a manifestação de comportamento machista naturalizado nas falas masculinas em nossa sociedade.

Os campos da Educação e da Comunicação, imbricados nesta intervenção, querem propor caminhos e outras perspectivas para que a narrativa da violência, propondo a construção de narrativas que sejam empoderadoras, que situem as masculinidades e revisitem as desigualdades de gênero. São estas narrativas, protagonizadas por mulheres que podem tornar possíveis mais transformações nesta realidade, produzindo outros sentidos sobre as mulheres neste cenário brasileiro.

2296



Com isso, as redes do Projeto Empoderadas podem servir a uma contra narrativa nesta midiaticização, sugerindo uma outra dinâmica, denotativa da ressignificação da mulher, em meio aos dados e estórias de violência, corriqueira e preferencialmente noticiada. A problematização da midiaticização da violência enquanto fenômeno social; o não aprofundamento das informações sobre as políticas públicas, do aparato legislativo e equipamentos públicos direcionados às vítimas, tendo em vista que as notícias de violências geram mais audiência e visualizações, em detrimento as de conscientização.

2297

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Violência contra a mulher. Empoderamento. Narrativas.

REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

FERNANDES, Brenda Camilli Alves Fernandes; CERQUEIRA, Carla Preciosa Braga; ARAÚJO Emília Rodrigues. *A violência contra as mulheres nos meios de comunicação: uma análise ao caso brasileiro*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

HJARVARD, S. *Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural*. **MATRIZES**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 53-91, 2012.

MARTELETO, R. M. (2001). *Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação*. **Ciência da Informação**, 30 (1), 71-81.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PEREIRA, Cláudia Nolasco de Abreu. *Violência contra a mulher e mídia: um estudo sobre a influência da mídia nas violências cometidas as mulheres do município de Macaé/RJ*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal Fluminense –UFF, 2011.

SILVA, Laura Lemos e. **Mídia online e violência doméstica contra a mulher: o discurso como instrumento de poder estruturante da sociedade patriarcal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.